

AS PRÁTICAS INFORMACIONAIS E OS ESTUDOS CONTEMPORÂNEOS SOBRE COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO

Daniella Alves de Melo¹
Paullini Mariele da Silva Rocha²
Edvaldo Carvalho Alves³
Fellipe Sá Brasileiro⁴

Resumo: Discute e relaciona a perspectiva das práticas informacionais com os estudos contemporâneos que se voltam às competências em informação. Para tanto, apresenta uma revisão bibliográfica sobre os conceitos de práticas informacionais e competência em informação, com base nos paradigmas da Ciência da Informação e, posteriormente, destaca três pesquisas empíricas que contemplam em seu escopo o esforço em aliar esses dois temas. Trata-se de uma pesquisa correlacional, de natureza qualitativa, com base em materiais já existentes sobre a temática. Constata que os estudos contemporâneos relacionados com as competências em informação utilizam a abordagem das práticas informacionais como uma alternativa frente às abordagens tradicionais que se restringem tanto à dimensão dos padrões comportamentais quanto à dimensão das estruturas construtivistas no processo de desenvolvimento de competências em informação. Conclui que a relação interdependente entre práticas informacionais e competência em informação se configura como uma perspectiva promissora para os estudos que se voltam às questões da autonomia informacional em contextos – sociais, culturais, políticos, econômicos – complexos.

Palavras-chave: Competência em informação; Práticas informacionais; Resiliência informacional; Competência crítica em informação; Perspectiva do lazer levado à sério.

1 INTRODUÇÃO

A Ciência da Informação (CI) passou por várias transformações ao longo dos anos, evoluindo seu modo de pensar a informação. Para Capurro (2003), a CI nasceu sob o paradigma físico, evoluiu para o cognitivo e agora vivencia o social. Do mesmo modo, os estudos de usuários e a competência em informação, bem como outros conceitos da área, também acompanharam essa evolução epistemológica.

¹ Doutoranda e mestra em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), bacharela em Comunicação Social/Relações Públicas pela UFPB, graduanda em Arquivologia pela UFPB. Integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa em Sociologia e Informação (GEPsi). E-mail: dame_18@hotmail.com.

² Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), graduada em Comunicação Social/Relações Públicas pela UFPB. E-mail: paullinirocha@hotmail.com.

³ Doutor e mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professor associado do Departamento de Ciência da Informação e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFPB. E-mail: edvaldocalves@gmail.com.

⁴ Pós-doutorado em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais pela Universidade de Aveiro (UA)/Portugal, doutor e mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), graduado em Comunicação Social pela UFPB. Professor adjunto do Departamento de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPB. E-mail: fellipesa@hotmail.com.



No que diz respeito aos estudos de usuários, sua evolução se apresenta a partir de três abordagens distintas: tradicional, alternativa e sociocultural. Já a competência em informação surge intrinsecamente ligada ao paradigma cognitivo, em referência ao indivíduo capaz, e evolui com base no paradigma social, para abordagens que contemplam o domínio social e cultural da informação.

Nesse contexto, o conceito de práticas informacionais surge na CI como uma alternativa crítica ao conceito de comportamento informacional (*information behavior*), até então predominante nos estudos de usuários (ARAÚJO, 2014; DUARTE *et al.*, 2017). Enquanto o comportamento informacional aborda apenas a aquisição das competências em informação, privilegiando o comportamento do indivíduo em uma abordagem essencialmente cognitivista, as práticas informacionais consideram, também, o contexto no qual ele está inserido e suas interações sociais com o meio. Nesse caso, a informação é vista juntamente com os aspectos socioculturais que a constitui.

Sendo uma perspectiva de análise promissora e atual, dada a sua relação com o paradigma social da Ciência da Informação, as práticas informacionais esboçam formas inovadoras de abordar o processo de construção das competências em informação por parte dos sujeitos. É por essa razão que esta pesquisa tem como objetivo discutir e relacionar a perspectiva das práticas informacionais com os estudos contemporâneos que se voltam às competências em informação. Para tanto, apresentou-se uma revisão bibliográfica sobre os conceitos de práticas informacionais e competência em informação, com base nos paradigmas da CI (CAPURRO, 2003) e, posteriormente, destacou-se pesquisas empíricas que contemplam em seu escopo o esforço em aliar esses dois temas.

Trata-se de uma pesquisa correlacional (SAMPIERI *et al.*, 2006), de natureza qualitativa, baseada em materiais já existentes sobre a temática, tais como livros, artigos, teses e dissertações. As pesquisas empíricas apresentadas foram recuperadas a partir do repositório institucional da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) com base nos termos “práticas informacionais” e “competência em informação”, sem necessidade de recorte temporal.

Acredita-se que esta pesquisa se justifica por ser um esforço em mapear estudos em que as abordagens das práticas informacionais e da competência em informação são utilizadas simultaneamente, embora o campo empírico escolhido seja limitado. Por outro lado, também se configura em uma contribuição para dirimir dúvidas sobre os conceitos de práticas informacionais e competência em informação que, por vezes, são tratados na literatura como similares.

2 A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E SEUS PARADIGMAS

A Ciência da Informação, assim como outras ciências, passou por várias transformações ao longo do seu desenvolvimento até os dias atuais, apesar de ser um campo teórico recente. Nesse sentido, considerando a perspectiva de paradigmas sugerida por Kuhn (2007), Capurro (2003) propõe a ideia de que a CI pode ser dividida em três paradigmas: físico, cognitivo e social.

Para Capurro (2003), a CI teria nascido sob a égide do paradigma físico, em que a informação é vista como um objeto físico, no qual um emissor a transmite para um receptor. Tal concepção foi construída a partir da Teoria Matemática de Shannon e Weaver. Nesse paradigma, a ênfase é estritamente tecnicista. O paradigma cognitivo, por sua vez, veio em oposição ao paradigma físico, se voltando para os usuários e suas interações, a partir da década de 70 (SARACEVIC, 1996). Aqui, a CI deixa de se preocupar apenas com a estrutura dos sistemas e passa a se preocupar, também, em satisfazer as necessidades de informação do usuário.

O paradigma social surge não como oposição, mas como uma crítica ao paradigma cognitivo. O sujeito deixa de ser visto apenas como um ser cognoscente, passando a levar em consideração as suas relações sociais e o contexto sociocultural no qual ele está inserido (ARAÚJO, 2012). Para Araújo (2014, p. 20), “a partir da crítica ao modelo anterior, que via o usuário como um ser isolado da realidade e apenas numa dimensão cognitiva, busca-se aqui reinseri-lo nos seus contextos concretos de vida e atuação”.

Portanto, a Ciência da Informação não surge propriamente como uma ciência social e, sim, ligada à computação e à preocupação com a recuperação automática da informação. É apenas nos anos 70 que ela começa a se aproximar das Ciências Sociais, porém ainda sob o paradigma cognitivo (ARAÚJO, 2003). Com o passar dos anos, a CI vai recebendo das Ciências Sociais “seu traço identificador” (GONZÁLEZ DE GOMEZ, 2000, p. 6) e, a partir de então, começa a se falar em “fundamentos sociais da informação” (ARAÚJO, 2003, p. 22).

É importante entender a evolução epistemológica da CI, pois suas subáreas e os conceitos por elas trabalhados evoluem de acordo com a tendência paradigmática daquele determinado momento. Nesse sentido, os conceitos-chave desta discussão, a saber, práticas informacionais e competência em informação, também se modificaram com base no arcabouço teórico-epistemológico proporcionados pelas mudanças de paradigmas da CI, como veremos a seguir.

3 PRÁTICAS INFORMACIONAIS

Dentro do escopo da Ciência da Informação, o conceito de práticas informacionais faz parte da subárea estudos de usuários. Tal subárea vem sendo estudada e pesquisada ao longo de várias décadas, evoluindo por meio de três abordagens: tradicional, alternativa e sociocultural. A abordagem tradicional segue a visão do paradigma físico, em que os usuários eram vistos como sujeitos passivos, apenas utilizadores dos sistemas. Nesta abordagem, são utilizados métodos prioritariamente quantitativos e os estudos classificados como “estudos de uso” (FIGUEIREDO, 1994).

Posteriormente, alguns autores começaram a desenvolver modelos para a compreensão do “comportamento informacional” do usuário, passando, então, para uma abordagem alternativa, proporcionada pela ascensão do paradigma cognitivo da CI. Por essa abordagem, houve uma mudança no entendimento do processo informacional: não se apreendia mais a informação como algo objetivo com sentido em si, mas a visualizava com a perspectiva do usuário, ou seja, como um recurso. A partir de uma necessidade, o usuário buscava e fazia uso das informações para preencher suas lacunas informacionais (FIGUEIREDO, 1994).

Os estudos relacionados ao comportamento informacional (*information behavior*) abordam, geralmente, contextos de trabalho de profissionais como cientistas, engenheiros, tecnólogos da informação etc., com o olhar direcionado às dimensões cognitivas dos sujeitos. Eles privilegiam o comportamento individual no lugar das interações presentes em comportamentos coletivos, com foco na maneira como cada pessoa pensa, sente e age individualmente em resposta às necessidades de informação (ROCHA *et al.*, 2017) e, nesse sentido, estão diretamente ligados à competência em informação, tais quais suas primeiras definições, como será visto mais à frente.

No entanto, mesmo a abordagem alternativa dos estudos de usuários desconsiderava aspectos importantes para o entendimento do processo informacional, como o contexto em que aquela informação era vivenciada. Assim, surge uma nova abordagem, a sociocultural ou interacionista, que só foi possível graças à ascensão do paradigma social da Ciência da Informação. Agora, os sujeitos não estão mais isolados em um mundo individual ou vistos apenas como sujeitos que integram um sistema separado de um contexto social. É nesta abordagem que se desenvolvem os estudos das práticas informacionais (ARAÚJO, 2013).

O conceito de práticas informacionais está vinculado às interações estabelecidas entre sujeitos e informação, em contextos em que o conhecimento é construído coletiva e socialmente, e não meramente acumulado (ARAÚJO, 2013). Foi Savolainen (2007) quem primeiro propôs o abandono do termo comportamento informacional e sua substituição por práticas informacionais. Segundo ele, esses seriam

“conceitos guarda-chuva” que fornecem um contexto mais amplo para o estudo da informação, sendo utilizados para caracterizar as formas como as pessoas geralmente lidam com ela.

As demandas apresentadas com o aparecimento da abordagem sociocultural dos estudos de usuários da informação, que teve início na década de 90, proporcionaram um terreno propício em que o conceito de práticas informacionais tem conquistado cada dia mais espaço como uma alternativa crítica ao conceito de comportamento informacional (ARAÚJO, 2013). Na perspectiva das práticas informacionais, a informação está diretamente ligada às práticas sociais, gerando uma experiência duplamente mediada. Ela não começa, nem se encerra num espaço particular, vai além; pois implica movimentos descontínuos de significação e ressignificação. Assim, é necessário um afastamento de toda a ideia de informação como algo neutro ou exclusivamente subordinado aos sistemas técnicos, levando a considerar os aspectos socioculturais que a constituem (SILVA e NUNES, 2014).

Por meio das práticas informacionais, é possível entender que os indivíduos constroem suas próprias definições do que deve ou não ser considerado informação, do que querem ter acesso e do que pode ser descartado ou deixado de lado durante suas experiências (ARAÚJO, 2007). Buscar, utilizar, produzir ou compartilhar informação: trata-se de um ato. É imprescindível que o sujeito ativo entenda que faz parte desse complexo processo, que envolve tanto entidades humanas como não humanas.

É assim que este trabalho defende que as pesquisas em competência em informação podem avançar em suas contribuições quando adicionadas ao seu escopo uma perspectiva social, que pode ser proporcionada sob a ótica das práticas informacionais. Os debates que aliam competências e práticas informacionais podem ser responsáveis por ampliar a discussão para além de seu viés cognitivo e construtivista, contemplando a dimensão das interações sociais cotidianas.

4 COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO

O estudo do que hoje compreendemos como competência em informação tem relação direta com o desenvolvimento do termo *information literacy*, que surge em tópicos de pesquisa nos EUA, na década de 70, e refere-se a “um conjunto de habilidades que exigem que os indivíduos reconheçam quando a informação é necessária e tenham a capacidade de localizar, avaliar e usar efetivamente essas informações” (ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARY, 2000, p. 2, tradução nossa). No Brasil, sua primeira menção foi feita por Caregnato (2000), que o traduziu como “alfabetização informacional”, em um texto que tinha como objetivo expandir o conceito de educação de usuários de bibliotecas universitárias.

No entanto, na literatura nacional, o termo *information literacy* pode ser apresentado com algumas variações de tradução, a saber: letramento informacional; alfabetização em informação; literacia; habilidade informacional; e competência informacional⁵. A tradução não literal mais utilizada é a de competência informacional (GASQUE, 2010) ou, mais recentemente, competência em informação. Quem primeiro propôs a tradução do termo para competência informacional foi Campello (2002), em um estudo que contemplou a biblioteca escolar. Na ocasião, a autora já sinalizava o potencial desse conceito como ferramenta de mudança em relação ao papel da biblioteca para o século XXI.

As pesquisas que abordam a competência em informação sofreram, desde seu início, a influência dos paradigmas atribuídos à Ciência da Informação, resultando na expansão de suas fronteiras teóricas, metodológicas e epistemológicas, assim como ocorreu com os estudos de usuários. Tal como foi concebida, a competência em informação estava ancorada ao paradigma cognitivo da CI e, portanto, ligada diretamente ao conceito de comportamento informacional. Trata-se de uma ideia individualista e cognitivista, que traz a ideia de indivíduo capaz ou, então, uma visão construtivista, que delega unicamente às instituições formais (escola, trabalho, universidade etc.) o papel de formar essas competências.

Já sob a perspectiva do paradigma social, uma das linhas de pesquisa em competência em informação envereda para uma roupagem interpretativa, associada, por exemplo, às correntes subjetivistas e fenomenológicas. Tais pesquisas, entendem a competência em informação como um fenômeno subjetivo, buscando analisar de maneira mais profunda a realidade dos usuários da informação (DE LUCCA e VITORINO, 2020). Em outra linha de pesquisa, o caráter instrumental, tecnicista e positivista das primeiras definições de competência em informação deu espaço a uma série de críticas, publicadas sob o conceito de *critical information literacy* (DOHERTY, 2007; TEWELL, 2015), no exterior, ou competência informacional crítica (VITORINO e PIANTOLA, 2009) e competência crítica em informação (BEZERRA, 2015; BEZERRA *et al.*, 2017; BEZERRA e DOYLE, 2017), no Brasil.

O estudo da competência em informação, sob esse viés crítico, não se limita às questões de acesso, mas engloba também o uso efetivo da informação acessada e a construção de conhecimento pelos sujeitos, os quais devem saber utilizá-lo de forma crítica para solucionar seus problemas e enfrentar as realidades desiguais e dominantes (BRISOLA *et al.*, 2017). O conceito de competência crítica em informação faz referência à ideia de um aprendizado ao longo da vida, de forma que o indivíduo seja capaz de lidar não apenas com os desafios tecnológicos, mas, também, com os econômicos e sociais (BEZERRA, 2015).

⁵ Os termos citados não possuem o mesmo significado, porém todos estão inter-relacionados ao uso da informação. Para mais informações, consultar Gasque (2010).

O estudo da competência em informação, a partir de uma perspectiva social, transcende as tradicionais abordagens cognitivas e vai em direção a uma abordagem que contempla o domínio social e cultural da informação, fundamentando-se no conceito de prática social, que pode ser representado pelas práticas informacionais. Entende-se que a competência em informação, em um movimento epistemológico natural, tende cada vez mais a se aproximar da perspectiva das práticas informacionais e, a partir dela, avançar em seus esforços de compreender as dinâmicas que envolvem acesso, uso, compartilhamento e construção da informação.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta é uma pesquisa teórica que busca discutir e relacionar a perspectiva das práticas informacionais com os estudos contemporâneos que se voltam às competências em informação. Para tanto, apresentou-se uma revisão bibliográfica sobre os conceitos de práticas informacionais e competência em informação para, posteriormente, destacar pesquisas empíricas que contemplam em seu escopo o esforço em aliar esses dois temas. Trata-se de uma pesquisa correlacional, conforme definida por Sampieri *et al.* (2006, p. 103), um estudo que “tem como objetivo avaliar a relação entre dois ou mais conceitos, categorias ou variáveis (em determinado contexto)”.

No que diz respeito à natureza, pode ser considerada uma pesquisa qualitativa que, segundo Minayo (2012), possui como termos estruturantes de investigação os verbos compreender e interpretar. Seu procedimento de coleta de dados, enquanto pesquisa bibliográfica, se valeu de materiais já existentes sobre as temáticas, tais como livros, artigos, teses e dissertações (GIL, 1991).

Para seleção das pesquisas que seriam apresentadas, utilizou-se como campo empírico o repositório institucional da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), que contempla a produção acadêmica da instituição, tais como, trabalhos de conclusão de curso (TCC), teses, dissertações, artigos científicos e capítulos de livros. Buscou-se trabalhos que incluíssem os termos “práticas informacionais” e “competência em informação” (ou similares) em seus resumos e que se apresentassem como estudos empíricos. Não foi necessário recorte temporal, dada a baixa quantidade de trabalhos recuperados. Após esse procedimento, foi realizada a leitura do título, resumo, palavras-chave e introdução de cada pesquisa recuperada, a fim de apreender os objetivos, o referencial teórico e os procedimentos metodológicos utilizados para, então, selecionar os trabalhos que seriam expostos mais detalhadamente neste artigo.

6 PESQUISAS EMPÍRICAS CONTEMPORÂNEAS

Segundo Lloyd (2014), as competências em informação, no século XXI, deveriam ser vistas como uma prática de informação crítica e central. No entanto, são frequentemente reduzidas e direcionadas a descrever habilidades de informação em vez de considerar as características socioculturais que possibilitam as práticas emergirem. Em corroboração a tal visão, buscou-se estudos contemporâneos desenvolvidos com a intenção de avançar nas abordagens que relacionam às práticas informacionais com a competência em informação.

Nesse sentido, a pesquisa no repositório institucional da UFPB recuperou um total de oito trabalhos a partir dos termos “práticas informacionais” e “competência em informação”, utilizados simultaneamente. No entanto, a partir da leitura do resumo e da introdução destes trabalhos, percebeu-se que apenas três realmente abordavam a competência em informação tomando como base a perspectiva das práticas informacionais. Esses trabalhos são apresentados a seguir.

6.1 COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO E LAZER LEVADO A SÉRIO

Cronologicamente, o primeiro trabalho recuperado foi uma tese de doutorado intitulada *Competência em informação e The Serious Leisure Perspective: um novo espaço de interlocução*, publicada em 2016 por Lucas Almeida Serafim. Segundo o autor (SERAFIM, 2016, p. 22), o objetivo geral do trabalho foi “analisar os modos de aprender ou estar informado em determinado mundo social do lazer, estruturado pela ótica da *The Serious Leisure Perspective*, concebidos com base na perspectiva sociocognitiva e positiva das competências em informação”.

Há, recentemente, um movimento teórico no campo da Ciência da Informação que direciona as pesquisas em competências e práticas informacionais para contextos menos formais, de modo a contemplar a dimensão das interações sociais cotidianas, a exemplo dos estudos de Lloyd (2014, 2015), Hicks e Lloyd (2016) e Hartel (2003, 2011). No âmbito desses estudos, existe, ainda, um viés de pesquisa que tende a contemplar uma abordagem positiva para informação, deixando de lado a preocupação com a solução dos aspectos negativos que envolvem os contextos formais da vida e se concentrando em entender as práticas informacionais nas ações cotidianas do sujeito, como é o caso do trabalho apresentado por Serafim (2016).

De acordo com a fundamentação apresentada por Serafim (2016), embora altamente informacional, o estudo do lazer foi durante muito tempo negligenciado pelas Ciências Sociais, inclusive pela Ciência da Informação, por ser visto como atividade banal, desmerecedora de investigação científica (STEBBINS,

2009). Somente na última década é que o estudo do lazer se estabelece como campo de pesquisa, pela “Perspectiva do Lazer Levado a Sério” (*Serious Leisure Perspective – SLP*), teoria desenvolvida pelo sociólogo canadense Robert A. Stebbins. No campo da Ciência da Informação, quem introduz a SLP é a pesquisadora Jenna Hartel, vinculada à Universidade de Toronto, no Canadá, que durante quase uma década tem defendido a adoção dessa perspectiva para tornar as pesquisas sobre o fenômeno informacional em momentos de lazer mais rigorosas, sistemáticas, comparáveis e generalizáveis (HARTEL, 2009; SERAFIM, 2016).

A Perspectiva do Lazer Levado a Sério considera as atividades diárias do ser humano em quatro tipos: trabalho remunerado (*paid work*); trabalho não remunerado (*unpaid work*); cuidado pessoal (*self-care*); e tempo livre (*free time*) (HARTEL, 2003; SERAFIM, 2016). O lazer é desenvolvido na última instância. Segundo Stebbins (2008), a SLP está subdividida em três formas: lazer sério (*serious leisure*), relacionado à busca sistemática de atividade amadora, recreativa (*hobby*) ou voluntária, que envolve dedicação, desafios e superação; lazer casual (*casual leisure*), relacionado à atividade prazerosa transitória, que necessita de pouco ou nenhum treinamento; lazer baseado em projeto (*project-based leisure*), relacionado à atividade curta, moderadamente complicada, realizada excepcional ou ocasionalmente. A primeira forma de lazer (sério) é considerada por Stebbins (2008) o carro chefe da teoria e levou ao desenvolvimento teórico das outras duas vertentes (casual e baseada em projetos).

Em seus estudos no campo da Ciência da Informação, Kari e Hartel (2007) discutem sobre contextos “mais baixos” (*lower contexts*) e “mais amplos” (*higher contexts*) para o fenômeno da informação. Para as autoras, os contextos “mais baixos” seriam constituídos pelas atividades que estamos familiarizados, a vida cotidiana com seus problemas e rotinas. Já os contextos “mais amplos” são, geralmente, fenômenos humanos positivos, experiências ou atividades que transcendem a rotina diária com sua racionalidade e necessidades. É importante ressaltar que essa divisão em contextos “mais baixos” e “mais amplos” não tem por objetivo menosprezar o primeiro e, sim, indicar que os dois se complementam, cada um com sua importância. Embora a pesquisa dos contextos “mais baixos” seja sem dúvida valiosa, é interessante reconhecer que ela cobre apenas metade do que é ser humano. O estudo do lazer, portanto, se apresenta como alternativa para uma abordagem positiva na Ciência da Informação, que contempla os contextos “mais amplos” das práticas informacionais.

Serafim (2016) classifica seu estudo como uma pesquisa participante, de abordagem qualitativa, que traz como campo empírico o mundo social das pessoas que praticam musculação, na modalidade do fisiculturismo competitivo, da região metropolitana de Fortaleza (Ceará). Nesse contexto, o autor busca refletir sobre as competências em informação para além das práticas informacionais tradicionais, que, para

ele, geralmente são dissociadas das variantes contextuais. O autor defende que há muito que se aprender sobre os aspectos positivos decorrentes do uso da informação no cotidiano das pessoas e que pesquisas assim são necessárias, pois permitem a compreensão de outras realidades de informação. Ele advoga uma visão mais holística do fenômeno informacional, pautada em proposições contextuais ou sociocognitivas (SERAFIM, 2016).

6.2 RESILIÊNCIA INFORMACIONAL ATRELADA ÀS PRÁTICAS INFORMACIONAIS COLABORATIVAS

O segundo trabalho recuperado foi outra tese de doutorado intitulada *Resiliência informacional: modelo baseado em práticas informacionais colaborativas em redes sociais virtuais*, publicada por Fellipe Sá Brasileiro, em 2017. Tal trabalho traz uma abordagem sobre práticas informacionais relacionada com as competências em informação em uma perspectiva coletivista, desenvolvida com base nos estudos de Lloyd (2014, 2015), Hicks e Lloyd (2016), dentre outros. O objetivo desta pesquisa foi “explicar, por meio de um modelo, como se estrutura o processo de resiliência informacional no contexto das práticas colaborativas mediadas em espaços virtuais” (BRASILEIRO, 2017, p. 21).

Os autores supracitados acreditam que a competência em informação, em sua abordagem social, emerge de um entendimento coletivo da comunidade acerca das práticas competentes, valores legitimados, modalidades de informação e elementos que moldam um contexto sociocultural – negociado e construído nas situações de interação social. Segundo fundamentação apresentada por Brasileiro (2017), uma das muitas contribuições de Lloyd para o estudo das práticas e competências em informação vem de uma pesquisa empírica que a autora desenvolveu com refugiados em 2014, tendo como foco a apreensão da informação em contexto de saúde por essas pessoas. Nesse estudo, Lloyd (2014) analisou como se desenvolvem, coletivamente, as competências em informação no movimento de transição entre ambientes, desenvolvendo assim o que ela chamou de resiliência informacional.

Para Lloyd (2014, 2015), resiliência informacional seria a capacidade de orientação, ajustamento e ressignificação, mediante o desenvolvimento de competências em informação, diante das incertezas do novo ambiente informacional. Esses processos de orientação, ajustamento e ressignificação, por sua vez, seriam experimentados pelos sujeitos no âmbito das práticas informacionais colaborativas. Tal perspectiva posiciona o conceito de competência em informação como interdependente das práticas socioculturais do contexto e da interação social. Nesse sentido, torna-se importante uma estratégia de enfrentamento coletivo que colabore com a transição entre ambientes informacionais complexos. Há, assim, o reconhecimento de

que a informação é construída nas práticas sociais/situadas e que os sujeitos criam estratégias alternativas para lidar com as informações em novos contextos (LLOYD, 2014, 2015).

O trabalho de Brasileiro (2017), por sua vez, parte da hipótese de que as práticas informacionais colaborativas mediadas pelos espaços virtuais viabilizam a construção da resiliência informacional à medida que possibilitam uma coesão social negociada e construída nas situações de interação. Além de utilizar o conceito de resiliência informacional proposto por Lloyd (2014, 2015), o autor também se baseou na Teoria da Interação Ritual (IR) de Randall Collins (2004) e sua expansão, na perspectiva de Ling (2008), para o contexto das interações mediadas pelas tecnologias móveis.

Como procedimentos metodológicos, Brasileiro (2017) utilizou o estudo de caso, desenvolvido em torno de um grupo de mulheres primíparas que utilizam o espaço virtual do dispositivo móvel como uma estratégia informacional destinada ao enfrentamento coletivo das incertezas que emergem do contexto vivenciado; e o estudo retrospectivo, com base no método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC).

Os resultados encontrados pelo autor em sua pesquisa demonstram que as práticas informacionais colaborativas em espaços virtuais são agenciadas, negociadas e coordenadas a partir de uma consciência coletiva direcionada para o bem comum. Esta consciência é resultado de uma experiência intensa de emoção compartilhada, que emerge das microdinâmicas situacionais das interações virtuais que, por sua vez, geram sentimentos/valores/emoções individuais e coletivas necessários para a construção da resiliência informacional e o desenvolvimento de competências em informação.

Com base nos resultados encontrados na pesquisa empírica, Brasileiro (2017) propõe um *Modelo da resiliência informacional em redes sociais virtuais*. Nesse modelo, o autor explica como é estruturado o processo de resiliência informacional no contexto das práticas colaborativas mediadas pelos espaços virtuais. Brasileiro (2017) conclui o trabalho indicando que o modelo proposto pode se configurar como um recurso metodológico para futuros estudos da competência em informação, práticas informacionais e políticas de informação assentados em contextos de vida significativos/pessoais/de saúde, pois revela as microdinâmicas das práticas informacionais colaborativas que podem estruturar o processo de resiliência informacional em ambientes virtuais.

6.3 PRÁTICAS INFORMACIONAIS DAS FEMINISTAS NEGRAS

Por último, recuperou-se uma dissertação de mestrado intitulada *Práticas informacionais e a construção da competência crítica em informação: um estudo na Bamidelê – Organização de Mulheres Negras da Paraíba*, desenvolvida por Daniella Alves de Melo, em 2019. O trabalho em questão teve como

objetivo “compreender se/como as Práticas Informacionais desenvolvidas pelas feministas negras, que atuam na Bamidelê, têm contribuído para a construção de Competências Críticas em Informação que as possibilitam orientar suas ações de enfrentamento às relações de dominação/submissão de gênero e étnico/raciais” (MELO, 2019, p. 16).

Para empreender tal estudo, a autora traz uma fundamentação teórica que contempla, inicialmente, a (não) representação histórica das mulheres, seguida por uma explanação sobre o movimento feminista (ALVES e PITANGUY, 2017), em especial o feminismo negro (CARNEIRO, 2001; DAVIS, 2005; PISCITELLI, 2008). Discute o conceito de gênero enquanto construção social, expondo que o determinismo biológico durante muito tempo serviu para compreender e justificar a desigualdade social entre homens e mulheres (PISCITELLI, 2002; LOURO, 2003). A autora também se apropria do conceito de interseccionalidade, base da teoria feminista negra, que possibilita o entendimento do processo de dominação e de resistência, a partir da intersecção dos vários marcadores sociais, principalmente gênero, raça e classe (PISCITELLI, 2002).

No que tange à Ciência da Informação, Melo (2019) apresenta uma revisão bibliográfica sobre o conceito de práticas informacionais, baseada principalmente em Savolainen (2007), Araújo (2013), Duarte *et al.* (2017) e Lloyd (2010). Por fim, trabalha o conceito de competência em informação, porém na perspectiva da competência crítica em informação. Segundo Melo (2019), os estudos sobre competência crítica em informação são baseados na contribuição sociológica da teoria crítica, a qual vai “ênfatizar o conflito, a desigualdade, o embate de interesses em torno da questão da informação” (ARAÚJO, 2009, p. 196).

O estudo apresentado por Melo (2019) é uma pesquisa correlacional (SAMPHERE *et al.*, 2006), de abordagem qualitativa, que tem como instrumento de coleta de dados a entrevista semiestruturada, sendo os dados analisados com base na análise temática de conteúdo, por meio da técnica de categorização (BARDIN, 1977). O campo empírico utilizado na pesquisa foi a Bamidelê – Organização de Mulheres Negras da Paraíba, e os sujeitos da pesquisa foram as feministas negras que atuam na organização.

A pesquisa mostrou que as práticas informacionais desenvolvidas pelas feministas negras acontecem em dois âmbitos: o do sujeito, que diz respeito às experiências de opressão vividas pelas mulheres e sua ação na busca de fortalecimento; e o da instituição, que trata das práticas que visam empoderar outras mulheres. A competência crítica em informação, por sua vez, é desenvolvida a partir das práticas informacionais dessas mulheres e está diretamente ligada à reflexão sobre suas necessidades informacionais, à construção da informação em espaços alternativos e ao desenvolvimento de um senso crítico informacional. Esses pontos reunidos contribuem, através do fortalecimento mútuo e do uso da

informação construída, para o enfrentamento das relações de opressão/submissão vivenciadas por essas mulheres (MELO, 2019).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade contemporânea apresenta desafios aos sujeitos informacionais que vão além da simples aquisição de competências e habilidades. Por essa razão, estudos ligados às competências e práticas informacionais desafiam a área da Ciência da Informação a compreender não apenas os processos resultantes do uso das tecnologias, mas, também, as questões intersubjetivas, que apontam para um dado momento histórico marcado pelo consumo, produção e circulação de informação em grande escala.

Teorias que abordam apenas o viés instrumental, cognitivo e/ou construtivista do fenômeno informacional vêm sofrendo diversas críticas por não conseguirem abarcar a complexidade dos objetos de estudo, deixando de fora um elemento fundamental de análise, a saber, a prática social. Neste sentido, o objetivo deste trabalho foi discutir e relacionar a perspectiva das práticas informacionais com os estudos contemporâneos que se voltam às competências em informação.

Para tanto, apresentou-se, além de uma revisão bibliográfica sobre práticas informacionais e competência em informação, três perspectivas de pesquisas empíricas contemporâneas que contemplam o esforço em aliar esses temas de estudo: a competência em informação e o lazer levado a sério (SERAFIM, 2016); a resiliência informacional atrelada às práticas informacionais colaborativas (BRASILEIRO, 2017); e as práticas informacionais das feministas negras (MELO, 2019).

Constatou-se que os estudos contemporâneos relacionados com as competências em informação utilizam a abordagem das práticas informacionais como uma alternativa frente às abordagens tradicionais que se restringem tanto à dimensão dos padrões comportamentais quanto à dimensão das estruturas construtivistas no processo de desenvolvimento de competências em informação.

A relação interdependente entre práticas informacionais e competência em informação se configura como uma perspectiva promissora para os trabalhos que se voltam às questões da autonomia informacional em contextos – sociais, culturais, políticos, econômicos – complexos. Além disso, as pesquisas empíricas apresentadas demonstram como as competências em informação podem ser construídas em contextos de vida e situações cotidianas que não se restringem aos contextos formais ou comuns da experiência humana – destacados por grande parte dos estudos informacionais.

O que foi apresentado aqui, no entanto, é apenas uma parcela do que pode ser investigado sobre esses temas; tais estudos não se esgotam e merecem ser aprofundados e investigados sob novas perspectivas.

Levantamentos bibliográficos em bases de dados podem ser de extrema relevância para sumarizar as pesquisas desenvolvidas até o momento que aliam essas duas abordagens informacionais – competências e práticas informacionais – sob o viés da prática social.

REFERÊNCIAS

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jaqueline. **O que é feminismo?**. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1ª Ed. E-book, 2017.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. A Ciência da Informação como ciência social. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 21-27, set./dez. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v32n3/19020.pdf>. Acesso em: 9 maio 2021.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila de. Estudos de usuários: uma abordagem na linha de ICS. In: REIS, Alcenir Soares; CABRAL, Ana Maria (Orgs.). **Informação, cultura e sociedade: interlocuções e perspectivas**. Belo Horizonte: Novatus, 2007, p. 81-100.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Paradigma Social nos estudos de usuários da informação: abordagem interacionista. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v.22, n.1, p. 145-159, jan./abr. 2012. Disponível em: <http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/9896>. Acesso em: 28 jan 2021.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila de. O sujeito informacional no cruzamento da Ciência da Informação com as Ciências Sociais. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 14, 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: ENANCIB, 2013. Disponível em: <http://200.20.0.78/repositorios/bitstream/handle/123456789/2337/O%20SUJEITO%20INFORMACIONAL.pdf?sequence=1>. Acesso em: 02 jan. 2021.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila de. O que é Ciência da Informação?. **Informação & Informação**, Londrina, v. 19, n.1, p. 01-30, jan/abr. 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/15958>. Acesso em: 26 jan. 2021.

ASSOCIATION OF COLLEGE & RESEARCH LIBRARIES (ACRL). **Information literacy competency standards for higher education**. Chicago: ALA, 2000. Disponível em: <https://alair.ala.org/handle/11213/7668>. Acesso em: 20 abr. 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70 Ltda, 1977.

BEZERRA, Arthur Coelho. Vigilância e filtragem de conteúdo nas redes digitais: desafios para a competência crítica em informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 16, 2015. João Pessoa. **Anais Eletrônicos [...]**. João Pessoa: PPGCI/UFPB, 2015. Disponível em: <https://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/923/1/2716-6796-1-PB.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2021.



BEZERRA, Arthur Coelho; DOYLE, Andréa. Competência crítica em informação e participação ética em comunidades de aprendizagem. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18, 2017. Marília. **Anais Eletrônicos** [...]. Marília: UNESP, 2017. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/125142>. Acesso em: 14 jan. 2021.

BEZERRA, Arthur Coelho; SCHNEIDER, Marco; BRISOLA, Anna. Pensamento reflexivo e gosto informacional: disposições para competência crítica em informação. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v.27, n.1, p. 7-16, jan./abr. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/31114>. Acesso em: 02 jan. 2021.

BRASILEIRO, Fellipe Sá. **Resiliência informacional**: modelo baseado em práticas informacionais colaborativas em redes sociais virtuais. 2017. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/9710?locale=pt_BR. Acesso em: 10 jan. 2021.

BRISOLA, Anna Cristina; SCHNEIDER, Marco André Feldman; SILVA JÚNIOR, Jobson Francisco da. Competência crítica em informação, ética intercultural da informação e cidadania global na era digital: fundamentos e complementaridades. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18, 2017. Marília. **Anais Eletrônicos** [...]. Marília: UNESP, 2017. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/125103>. Acesso em: 14 jan. 2021.

CAMPELLO, Bernadete Santos. A competência informacional na educação para o século XXI. In: CAMPELLO, Bernadete Santo *et al.* **A biblioteca escolar**: temas para uma prática pedagógica. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. p. 9-11.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e ciência da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5, 2003, Belo Horizonte. **Anais Eletrônicos** [...]. Belo Horizonte: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2003. Disponível em: http://www.capurro.de/enancib_p.htm. Acesso em: 02 jan. 2021.

CAREGNATO, Sônia Eliza. O desenvolvimento de habilidade informacionais: o papel das bibliotecas universitárias no contexto da informação digital em rede. **Revista de Biblioteconomia & Comunicação**, Porto Alegre, v. 8, p. 47-55, 2000. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/11663/1/artigoRBC.pdf>. Acesso em: 20 maio 2021.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE RACISMO, XENOFÓBIA E GÊNERO, Durban, 2001. **Anais Eletrônicos** [...]. Durban: Unifem, 2001. Disponível em: <http://www.unifem.org.br/sites/700/710/00000690.pdf>. Acesso em: 20 maio 2021.

COLLINS, Randall. **Interaction Ritual Chains**. New Jersey: Princeton University Press, 2004.

DAVIS, Angela Y. **Mujeres, raza y clase**. Madrid: Akal, 2005.

DE LUCCA, Djuli Machado; VITORINO, Elizete Vieira. Competência em informação e suas raízes teórico-epistemológicas da Ciência da Informação: em foco, a fenomenologia. **Perspectivas em Ciência**



da **Informação**, v. 25, n. 3, p. 22-48, set. 2020. Disponível em:
<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/3317>. Acesso em: 31 maio 2021.

DOHERTY, John J. No Shying: Giving voice to the silenced: an essay in support of information literacy. **Library Philosophy and Practice**, Nebraska, p. 1-8, jun. 2007. Disponível em:
<http://digitalcommons.unl.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1133&context=libphilprac>.
Acesso em: 20 dez. 2020.

DUARTE, Adriana Bogliolo Sirihal; ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila de; ANASTÁCIO DE PAULA, Claudio Paixão. Práticas Informacionais: desafios teóricos e empíricos de pesquisa. **Informação em Pauta**, v. 2, n. Especial, p. 111-135. 2017. Disponível em:
<http://periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/20650>. Acesso em: 02 jan. 2021.

FIGUEIREDO, Nice. **Estudos de uso e usuários da informação**. Brasília: Ibict, 1994.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. Arcabouço conceitual do letramento informacional. **Ciência da Informação**, v. 39, n. 3, p. 83-92, 2010. Disponível em:
<https://www.scielo.br/pdf/ci/v39n3/v39n3a07.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2021.

Gil, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. 6. tir. São Paulo: Atlas, 1991.

GONZÁLEZ DE GOMÉZ, Maria Nélide. Metodologia da pesquisa no campo da Ciência da Informação. **Datagramazero: Revista de Ciência da Informação**, v.1, n. 6, dez. 2000. Disponível em:
<https://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/127/1/GomesDataGramazero2000.pdf>. Acesso: 20 maio 2021.

HARTEL, Jenna. The serious leisure frontier in Library and Information Science: hobby domains. **Knowledge Organization**, v. 30 n. 3/4, p. 228-238, 2003. Disponível em:
https://www.researchgate.net/publication/290567240_The_serious_leisure_frontier_in_library_and_information_science_Hobby_domains. Acesso em: 10 jan. 2021.

HARTEL, Jenna. Introducing the information experience in context. **Faculty of Information Quarterly**, v. 2, n. 1, 2009. Disponível em:
<https://tspace.library.utoronto.ca/bitstream/1807/80157/2/Introducing%20The%20Information%20Experience%20in%20Context%20-%20Hartel%20-%20Faculty%20of%20Information%20Quarterly.html>.
Acesso em: 02 jan. 2021.

HARTEL, Jenna. Leisure and hobby information and its users. **Encyclopedia of Library and Information Sciences**. 3rd ed. New York: Taylor & Francis, 2011. Disponível em:
<https://www.semanticscholar.org/paper/Leisure-and-Hobby-Information-and-its-User-Hartel/d2b523fd99ed12e4fb89666fde7f62865a82e41e>. Acesso em: 02 jan. 2021.

HICKS, Alison; LLOYD, Annemaree. It takes a community to build a framework: Information literacy within intercultural settings. **Journal of Information Science**, 42(3) pp. 334–343, 2016. Disponível em:
<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0165551516630219>. Acesso em: 15 jan. 2021.

KARI, Jarkko; HARTEL, Jenna. Information and higher things in life: Addressing the pleasurable and the profound in information science. **Journal of the American Society for Information Science and**

Technology, v. 58, n. 8, p. 1131-1147, 2007. Disponível em:
<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/asi.20585>. Acesso em: 22 jan. 2020.

KUHN, Thomas Samuel. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectivas, 2007.

LING, Rich. The Mediation of Ritual Interaction via the Mobile Telephon. *In*: KATZ, James E. **Handbook of Mobile Communication**. MIT Press, 2008.

LLOYD, Annemaree. Building Information Resilience: How do Resettling Refugees Connect with Health Information in Regional Landscapes – Implications for Health Literacy. **Australian Academic & Research Libraries**, v. 45, n. 1, p. 48–66, 2014. Disponível em:
<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/00048623.2014.884916>. Acesso em: 02 jan. 2021.

LLOYD, Annemaree. Stranger in a strange land; enabling information resilience in resettlement landscapes. **Journal of Documentation**, Vol. 71, Issu 5, pp. 1029 – 1042. 2015. Disponível em:
<https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/JD-04-2014-0065/full/html>. Acesso em: 14 jan. 2021.

LOURO, Guaraci Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MELO, Daniella Alves de. **Práticas Informacionais e a construção da Competência Crítica em Informação: um estudo na Bamidelê - Organização de Mulheres Negras da Paraíba**. 2019, 119f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019. Disponível em:
https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/16348?locale=pt_BR. Acesso em: 03 abr. 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, vol.17, n.3, pp. 621-626, 2012. Disponível em:
<http://www.scielo.org/pdf/csc/v17n3/v17n3a07>. Acesso em: 23 jan. 2021.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, vol. 11, nº 2, p. 263 – 274. 2008. Disponível em:
<https://www.revistas.ufg.br/fchf/article/view/5247/0>. Acesso em: 13 maio 2021.

ROCHA, Janicy Aparecida Pereira; SIRIHAL DUARTE, Adriana Bogliolo; ANASTÁCIO DE PAULA, Cláudio Paixão. Modelos de práticas informacionais. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 23, n. 1, p.36-61, jan/abr, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/67014>. Acesso em: 10 jan. 2021.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Pilar Baptista. **Metodologia da Pesquisa**. 3ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996. Disponível em:
http://www.brapci.inf.br/repositorio/2010/08/pdf_fd9fd572cc_0011621.pdf. Acesso em: 22 maio 2021.



SAVOLAINEN, Reijo. Information behavior and information practice: reviewing the “umbrella concepts” of information-seeking studies. **Library Quarterly**, Chicago, v. 77, n. 2, p. 109-132, 2007. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/10.1086/517840>. Acesso em: 10 dez. 2020.

SERAFIM, Lucas Almeida. **Competências em informação e lazer levado a sério**: um novo espaço de interlocução. 2016. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/9699?locale=pt_BR. Acesso em: 2 jan. 2021.

SILVA, Antonio Wagner Chacon; NUNES, Jefferson Veras. Práticas informacionais como paradigma: por uma teoria social da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 15, 2014, Belo Horizonte. **Anais Eletrônicos** [...]. Belo Horizonte: ENANCIB, 2014. Disponível em: <http://200.20.0.78/repositorios/bitstream/handle/123456789/3077/13.%20Pr%C3%A1ticas%20informacionais%20como%20paradigma%20-%20CO.pdf?sequence=1>. Acesso em: 10 jan. 2021.

STEBBINS, Robert A. **Serious Leisure**: a perspective for our time. New Jersey: Transaction, 2008.

STEBBINS, Robert A. Leisure and its relationship to library and: information science: bridging the gap. **Library Trends**, v. 57, n. 4, p. 618-631, 2009. Disponível em: <https://www.ideals.illinois.edu/handle/2142/13654>. Acesso: 10 jan. 2021.

TEWELL, Eamon. A decade of critical information literacy. **Communications in Information Literacy**, v. 9, n. 1, p. 24-43, 2015. Disponível em: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ1089135.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2020.

VITORINO, Elizete Vieira; PIANTOLA, Daniela. Competência informacional – bases históricas e conceituais: construindo significados. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 38, n. 3, p.130-141, set./dez., 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v38n3/v38n3a09.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2021.

AGRADECIMENTO

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por ter financiado esta pesquisa. Código de financiamento 001.

INFORMATIONAL PRACTICES AND CONTEMPORARY STUDIES ABOUT INFORMATION LITERACY

ABSTRACT: Discusses and relates the perspective of informational practices with contemporary studies that focus on information literacies. To this end, it presents a bibliographic review on the concepts of informational practices and information literacy, based on the paradigms of Information Science, and, later, highlights three empirical researches that include in their scope the effort to combine these two themes. It is a correlational research, of qualitative nature, based on existing materials on the theme. It notes that contemporary studies related to information literacies use the informational practices approach as an



alternative to traditional approaches that are restricted both to the dimension of behavioral patterns and to the dimension of constructivist structures in the process of developing information literacies. It concludes that the interdependent relationship between informational practices and informational literacy is a promising perspective for studies that address issues of informational autonomy in complex - social, cultural, political, economic - contexts.

Keywords: Information Literacy; Informational Practices; Informational resilience; Critical information literacy; Serious Leisure Perspective.

